


taboia

A voz de Teresa pág. 10



Mais de 30 anos após a sua morte, o fantasma de Salazar regressa. Biografias e Banda Desenhada dão a conhecer o lado humano do ditador. Um programa televisivo de entretenimento é capaz de o eleger como o Grande Português. pág. 22

A moda de Salazar



Vítor Rainho

Quatro anos depois de terem batido em retirada da guerra do Vietname, os americanos puderam assistir no cinema a um filme chamado **O Caçador**. Foi, seguramente, uma das guerras mais traumáticas por que

passaram – morreram mais de 50 mil soldados e cerca de 300 mil ficaram feridos física e mentalmente –, mas não levaram muito tempo a tentar ultrapassar os traumas. No cinema, na música ou na literatura não faltou obra vasta. É provável que o mesmo se venha a passar com a guerra do Iraque. Mas isso o tempo o dirá. Portugal já vive em democracia há quase 33 anos e só agora se aceita discutir, de uma forma mais ou menos civilizada, o período da ditadura. Salazar, que foi presidente do Conselho durante quase 36 anos, era um nome maldito que poucos se atreviam a pronunciar sob o perigo de serem apelidados de fascistas. Hoje há um programa televisivo de entretenimento que procura saber quais foram os **Grandes Portugueses**. Na linha da frente estão duas figuras que tinham aversão à democracia.



Um era ditador, Salazar, outro, Álvaro Cunhal, acreditava num regime totalitário à semelhança da antiga União Soviética. Devemos ficar preocupados por causa disso? É óbvio que não. As pessoas aproveitam estas ocasiões para demonstrar o seu descontentamento face ao regime actual – seja qual for o partido (democrata) no Governo –, e alguns saudosistas votam conscientemente. Mas são uma minoria. Está na hora de afastar os fantasmas do passado e perceber que o tempo não anda para trás. Alguém acredita que um país que está na União Europeia há mais de 20 anos vai voltar a colocar no Governo um ditador? A socióloga Maria Filomena Mónica tem uma resposta certa: «Essa sociedade já não existe. Os novos portugueses que vão aos centros comerciais detestariam um regime assim. Salazar morreu mesmo como figura política» (pág. 22).

É legítimo que quem sofreu com a ditadura não entenda este ressurgimento da figura. Mas é um fantasma. Salazar morreu há muito. 📌



Um fantasma incómodo

É 'concorrente' num programa televisivo e protagonista numa peça teatral e em vários livros. Salazar tornou-se fenómeno mediático, filão editorial e mantém-se como memória difícil

Texto de **Ricardo Nabais**

QUANDO consultou mais uma das dezenas de candidaturas, o encenador José Carretas teve uma surpresa. Tinha pedido, por anúncio de jornal, um actor com 40 anos ou mais que encarnasse a figura de Salazar. Uma das cartas, enviada, diz Carretas, por «um senhor de 72 anos», dizia, sem rodeios: «Nunca fiz teatro, nem cinema nem nada. Mas várias vezes me confundiram na rua com pessoas do antigo regime, por isso acho que estou habilitado». Para o encenador, esta era mais uma demonstração curiosa da «imagem que fazemos de nós próprios» do que uma qualquer ânsia de fazer o papel de um ditador em palco.

A afluência de respostas ao anúncio confirmava, de qualquer modo, uma tendência. A figura de Salazar está na moda. Tor-

nou-se, em pouco mais de um ano, quase omnipresente, nos ecrãs de televisão – nos quais saberemos o resultado do concurso **Grandes Portugueses**, amanhã na RTP, – e nos *outdoors* que apresentam Salazar, um dos grandes candidatos à vitória nesta eleição por SMS, como 'Ditador ou salvador?', remetendo a escolha dos opostos para os telespectadores. E há que somar a este efeito mediático um outro: a contenda entre antifascistas e cidadãos de Santa Comba Dão em torno da abertura de uma casa-museu no Vimieiro, terra natal do ditador.

O 'regresso' não fica por aqui. A peça de Carretas, feita a partir do texto **Férias Grandes com Oliveira Salazar**, do espanhol Manuel Martínez Mediero, promete humanizar a figura do antigo presidente

do Conselho através de uma sátira corrosiva, a partir de 24 de Abril, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

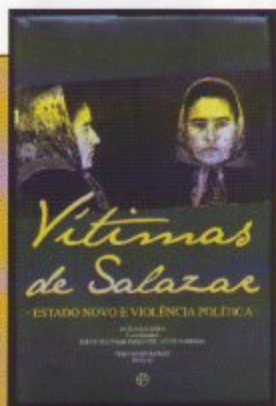
O lado humano

O filão da figura do ditador vê-se, ainda, no interesse suscitado pelos livros que exploram, revelando cada vez mais, o lado humano de Salazar. O livro **Máscaras de Salazar** (editora Casa das Letras), do jornalista Fernando Dacosta, foi editado inicialmente em 1997 e vai agora na 20ª edição, com cerca de 80 mil exemplares vendidos. Na obra, Dacosta desvenda segredos e destrói mitos, como o da morte provocada pela célebre queda da cadeira.

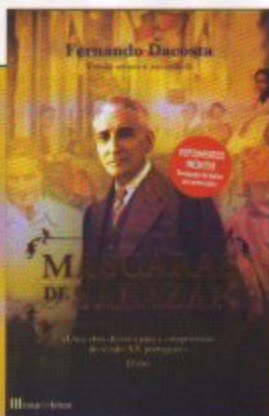
Já Felícia Cabrita, jornalista do *SOL*, lançou este ano **Os Amores de Salazar**, centrado num dos maiores mistérios da →

Salazar durante uma conferência de imprensa. 'Tudo pela nação, nada contra a nação' era um dos lemas emblemáticos





Vítimas de Salazar (2007) é o mais recente ensaio sobre a repressão da ditadura



Em **Máscaras de Salazar**, Fernando Dacosta traça um retrato pouco comum do ditador

vida deste homem a quem todos classificavam de católico, beato e assexuado: os amores. Aí se descrevem mulheres como Felismina de Oliveira, a sua primeira paixão, ou os complexos casos com Júlia Prestrelo, Laura Campos ou a célebre francesa Christine Garnier, entre outras, como a famosa D. Maria, a governanta de Portugal, cujo envolvimento com o 'senhor doutor' se manteve envolto em segredos.

O mito de que Salazar – que nunca se casou – se afastou convictamente da alcova fica desfeito. Mas não é por isso que a sua figura de pinga-amor se torna mais simples: «Ele utilizou estas

mulheres e chegou a fazer de algumas delas uma espécie de 'Mata-Haris'», diz Felícia Cabrita. Algumas tornaram-se informadoras úteis ao regime.

O que o povo pede

Salazar já foi tema até de um livro de BD, **Salazar** – Agora, na hora da sua morte, de João Paulo Cotrim e Miguel Rocha, com edição da Parceria A.M. Pereira. Na maioria dos livros publicados – que não esgotam a lista bibliográfica – a ideia partiu das editoras. Coincidência ou não, parecem ter visto 'mercado' na curiosidade natural pela figura de um homem que foi sombra tutelar do país entre 1933, quando assumiu o Governo, e 1969, no ano anterior ao da sua morte. Praticamente confunde-se com a duração do regime, que atravessou o século XX, de 1926 a 1974, a ditadura de maior duração da Europa.

No caso de José Carretas, o convite saiu do Teatro D. Maria, como um desafio para

repor uma peça já estreada, em 1997, na Covilhã, pelo Teatro das Beiras. Devido à morte do protagonista, Mário Timóteo, Carretas teve de recorrer a um anúncio de jornal para recrutar um 'Salazar' entre actores profissionais. Francisco Braz, de 51 anos, ganhou a palma, conciliando a semelhança física com a presença «**fechada, de seminarista de gosto rural**» que era Salazar.

País mercearia

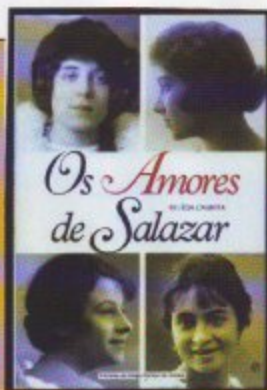
O encenador acredita que, apesar de já estarmos preparados para nos rirmos da figura do ditador, só um espanhol poderia ter distanciamento para escrever o texto. Mas avança que «**o fascismo não morre por decreto**». E, ao mesmo tempo, nega que o fenómeno de mediatização que fez 'ressuscitar' o ditador seja perigoso. «**Não precisamos, neste momento, de um Salazar. Precisamos talvez de dois para se estragarem um ao outro**», diz, entre risos. O cenário da

peça será uma mercearia, uma parábola ao estilo de gestão do país, com a economia regida por uma contabilidade «**dividida entre as colunas do deve e do haver**».

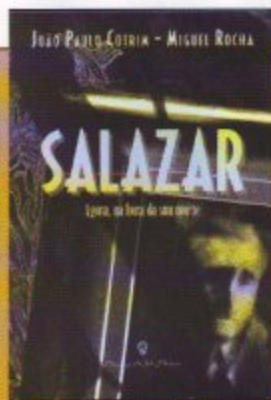
Mas haverá saudosismo neste filão? Para Fernando Dacosta, que entrevistou o presidente do Conselho no auge do regime,

Salazar
geria
as contas
'divididas
entre
as colunas
do deve
e do haver'





Felícia Cabrita desvendou um segredo bem guardado: a vida sentimental



Salazar - Agora, na hora da sua morte é a premiada biografia em BD

fenómeno existe. «As pessoas desiludiram-se e votam em Salazar no concurso como uma forma de vingança contra essa traição». Essa reacção, segundo o jornalista, tem a ver com a falta de cumprimento do país que a democracia prometeu aos portugueses - o espaço de «prosperidade, de liberdade e dignidade». A socióloga Maria Helena Mónica não vê nesta recuperação a memória do ditador como um drama. Salazar não era nem deus nem demónio.

'Não era deus nem demónio. Era inteligente e manhoso'

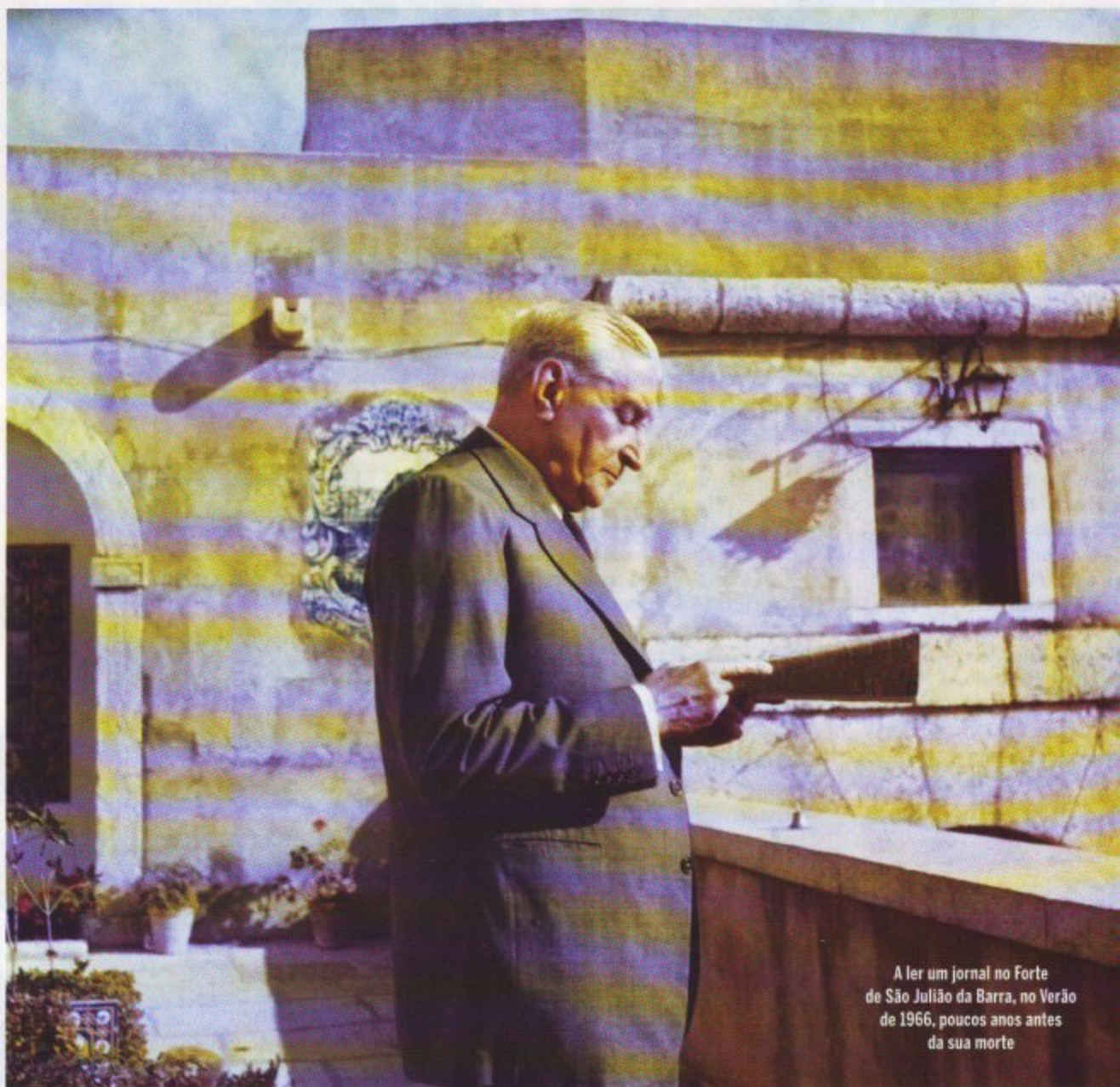
Era um homem inteligente e manhoso» que compreendeu o país em que vivia e centralizou o poder. «Ele viu que os portugueses eram dependentes do Estado e aumentou essa dependência. Viu, ainda, que não gostavam de liberdade e suspendeu-a».

A historiadora Irene Pimentel assinou, com João Madeira e Luís Farinha, *Vítimas de Salazar*, que dá rosto aos inúmeros opositores que sofreram o silenciamento, a tortura e a deportação. Vê «com preocupação e com gosto» esta segunda ribalta. Por um lado, «o saudosismo é tudo menos bom conselheiro», mas, por outro, este fenómeno «possibilita a entrada da História» para devolver a verdade ao papel deste inesperado protagonista dos *media*. →

No gabinete de trabalho, em São Bento (1940)



BERNARD HOFFMAN/TIME LIFE PICTURES-GETTY IMAGES



A ler um jornal no Forte de São Julião da Barra, no Verão de 1966, poucos anos antes da sua morte

Aliás, tal como se passou noutros países com regimes semelhantes, mais de 30 anos após a queda da ditadura em Portugal, é habitual recuperar a memória. Os acontecimentos fazem parte do passado e não do presente de quem os viveu. E há que contar também com a substituição de gerações e «a curiosidade dos mais novos», explica Irene Pimentel. Os mais novos parecem, de resto, estar atentos. A historiadora cita o caso da sede da PIDE/DGS se estar a transformar num condomínio, o que mobilizou jovens e contemporâneos da ditadura a formar o movimento 'Não Apague a Memória'.

As cores do respeitinho

O que impera, ainda, são os sentimentos extremos. Salazar «é uma espécie de fantasma

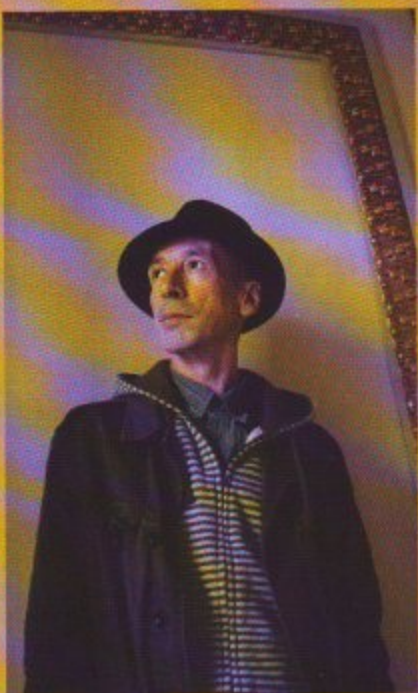
'Salazar é uma espécie de fantasma para odiar ou para amar como grande salvador'

para odiar, ou para amar como grande salvador», define João Paulo Cotrim, autor do argumento do livro que ganhou o prémio do Festival Internacional de BD da Amadora, no final de 2006. A obra traça a vida do tirano em tons cinzento e sépia. «São as cores do respeitinho», explica. «É também a imagem que guardamos daquela época». O tema do livro foi propos-

to pela editora, detida em parte pelo conhecido advogado António Maria Pereira. Cotrim sentiu, perante o desafio de escrever sobre o peso de Salazar na actualidade, a obrigação de respeitar o biografado, buscar a formação necessária e «enfrentá-la».

Para isso, tratou de rever os conceitos que tinha, que remontavam aos de uma criança com 10 anos no 25 de Abril. «Para a minha geração, Salazar era o mau e Otelo o bom». Aos poucos, foi-se apercebendo de que, afinal, via ali matéria humana. E bastante singular por sinal. O ditador aparece, em miúdo, o cara de adulto, o que correspondia a uma descrição que Cotrim e Miguel Rocha leram de relatos dos amigos de infância.

A unanimidade chega quando se trata da questão do museu no Vimieiro. Apesar



Os primeiros ensaios de Férias Grandes com Oliveira Salazar; Francisco Braz, eleito como ditador, no D. Maria (à esq.) e em conversa com José Carretas


de a abertura não estar para breve, o município de Santa Comba Dão planeia um espaço turístico, educativo e cultural.

Museu ou santuário?

Muitas pessoas já procuram a terra por ser o berço de Salazar, com visitas à campa e à casa que vai dar guarida ao museu, hoje em ruínas. O vereador Miguel Cunha desdramatiza: «Não queremos que isto seja um santuário». Apesar disso, o risco existe. Mas Cunha não concorda: «Se houvesse uma tendência para fazer um local de culto ele já estaria a ser usado como tal. A casa e a campa existem».

○ O problema, continua, teve a ver com a forma de contestação recente feita pela União dos Resistentes Antifascistas Portugueses. «O espaço onde se reuniram foi cedido pela câmara e eles manifestaram-se livremente. A população é que não gostou que viesse alguém de fora dizer o que devemos fazer».

○ Fernando Dacosta é a favor do museu. «Acho que os opositores estão a fazer um dos actos mais reaccionários destes tempos». Maria Filomena Mónica vai no mesmo sentido. O medo de um regresso do sistema, tal como Salazar o concebeu, é inútil. «Essa sociedade já não existe. Os novos portugueses que vão aos centros comerciais detestariam um regime assim». Quanto ao programa da RTP, a socióloga encara-o como entretenimento inócuo: «Salazar morreu mesmo como figura política».

Mas, aparentemente, falta algo. João Paulo Cotrim diz que o ditador é uma «indigestão» no imaginário português. E que, «enquanto for um fantasma, não o matamos». 

‘Os novos portugueses que vão aos centros comerciais detestariam o regime de Salazar’